

Midiatização da religião e Estudos Culturais: uma leitura de Stuart Hall*

Mediatization of religion and Cultural Studies: a reading of Stuart Hall

LUÍS MAURO SÁ MARTINO **

Faculdade Cásper Líbero, Programa de Pós-Graduação em Comunicação. São Paulo – SP, Brasil

RESUMO

Embora a questão da religião não ocupe um lugar de destaque na obra de Stuart Hall ou mesmo no âmbito dos Estudos Culturais, alguns dos fenômenos contemporâneos direcionados para as relações entre mídia e religião podem ser analisados dentro dessa chave de compreensão, sobretudo quando se pensa na intersecção com questões de identidade. Neste texto são delineadas algumas possibilidades teórico-conceituais de compreensão dos processos de midiatização da religião a partir da perspectiva de articulações identitárias, focalizando, em particular, as questões relacionadas a corpo e cultura.

Palavras-chave: Midiatização, religião, Estudos Culturais, identidade

ABSTRACT

Although the issue of religion does not occupy a prominent place in the works of Stuart Hall or even in Cultural Studies in general, some contemporary phenomena related to media and religion relations can be analyzed within this key of interpretation, mostly when we think on the intersection with identity. In this text, some theoretic and conceptual possibilities are outlined in order to understand the process of mediatization of religion from a perspective of articulation of identities, focusing, in particular, on questions related to body and culture.

Keywords: Mediatization, religion, Cultural Studies, identity

* As temáticas deste artigo são elaboradas e desenvolvidas paralelamente em Martino (2016b), em particular no capítulo 7.

** Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5099-1741> E-mail: lmsmartino@gmail.com

A RELIGIÃO NÃO parece ocupar um lugar particularmente privilegiado na agenda dos Estudos Culturais, já que entre os principais temas problematizados por eles em sua trajetória teórica, crítica e política, os fenômenos religiosos não parecem ser trabalhados como objetos de análise. Nenhuma das obras clássicas, entendidas como os textos fundadores dessa tradição indisciplinar, dedica atenção exclusiva ao tema – há, no máximo, menções esparsas ao tratar de outro assunto. Seria possível mencionar, a princípio, uma única coletânea a respeito do tema organizada por Mizruchi (2001), na qual aspectos específicos de alguns contextos nacionais são explorados, sem, no entanto, entrar em um diálogo tensional com a perspectiva dos Estudos Culturais.

Na obra de Stuart Hall, em particular, nota-se que o tema emerge de maneira bissexta, geralmente em meio a outras questões envolvendo problemas de representação, política e identidade. Mas não se trata, aqui, de fazer um recenseamento do tema *religião* nos Estudos Culturais ou mesmo na obra de Hall a respeito do tema. Embora frutífera, essa perspectiva fugiria ao escopo deste trabalho. A proposta, tomada sempre em nível tateante e experimental, é ter a ousadia de *pensar com* Hall e outros autores algumas das problemáticas relacionadas à religião na sociedade contemporânea.

A religião, por conta de sua dimensão cultural, pode ser entendida como um tema particularmente apropriado para o trabalho com os Estudos Culturais do que algumas manifestações contemporâneas envolvendo também as religiosidades, sobretudo quando dimensionadas em sua importância cultural e política em um cenário global. As transformações políticas, culturais e mesmo econômicas, ocorridas desde o final da Guerra Fria, encontram na religião, em sua miríade de formas, um vetor importante, que precisa ser compreendido em várias dimensões – e, em particular, como uma formação cultural a ser pensada em seus aspectos identitários e políticos.

Para além de qualquer consideração de ordem doutrinária, dogmática ou ritual, a religião pode ser entendida como um fenômeno social relacionado a outros elementos constitutivos da sociedade e, por conta disso, apresenta dimensões como discurso e prática cultural a serem pensados de um ponto de vista histórico e político. De certa maneira, não foi outra a preocupação desde as primeiras tentativas de pensar a religião do ponto de vista das ciências sociais – o esforço desde Marx, Weber e Durkheim, para citar apenas três dos principais pensadores dedicados ao tema, era justamente entender a religião a partir de suas ramificações e implicações como parte de uma sociedade em transformação.

É, portanto, como um fenômeno cultural, no qual discursos e práticas se intercalam com representações e visões de mundo, que se entende *religião* neste texto – e, por isso mesmo, como algo a ser pensado a partir das reflexões levadas a efeito no âmbito dos Estudos Culturais que, em sua perspectiva de pensar a cultura ligada às práticas cotidianas, aos sentidos, códigos e representações articulados com uma base política, histórica e econômica, oferecem uma possibilidade de entender as transformações do social – e da própria religião – em termos das potencialidades e conflitos existentes não apenas em seu âmbito de ação, mas também na sua intersecção com outros espaços políticos, sociais e culturais.

Mesmo em sociedades ditas laicas, a religião pode ser entendida como um vetor de monta em muitos espaços e momentos do cotidiano desde a discussão e a tomada de decisões políticas, influenciando nas relações internacionais, até as práticas cotidianas, propondo códigos de conduta social no espaço público e regulando os usos do corpo e das relações afetivas no âmbito privado. Dessa maneira, a presença da religião não está circunscrita às suas práticas dogmáticas internas, mas como uma prática cultural com implicações políticas e culturais. É essa premissa, tomada como base para este texto, que a torna particularmente atraente para ser pensada nos termos dos Estudos Culturais.

Em particular, toma-se como foco não a *religião* como conceito geral e de difícil circunscrição, mas de um recorte a partir do que se denomina a *mediatização da religião*, isto é, uma forma contemporânea de representação e vivência do religioso. Em uma definição inicial, poderia ser entendida como a articulação dos processos sociais – no caso, as concepções e práticas religiosas – com o ambiente midiático ao redor.

O processo de mediatização da religião, embora possa ter algumas de suas origens recentes localizadas no Ocidente, parece se mostrar um fenômeno global, no qual diversas manifestações das religiosidades, em suas diversas potencialidades de formas e expressões, ganham outras dimensões quando articuladas com os processos midiáticos que as circunscrevem. Dos aspectos relacionados à religião mencionados acima, a mediatização se apresenta como um dos mais ricos a ser abordados na perspectiva dos Estudos Culturais na medida em que parece mostrar, de saída, uma articulação tensional entre dois elementos, os processos culturais e os processos midiáticos, contextualizados em um cenário político e cultural dos quais são parte. Intercalados, os códigos semióticos da religião e da mídia parecem dar origem a algo distinto de ambos, novos tipos de vivência e compreensão do religioso que demandam a compreensão das questões culturais, políticas e identitárias dessas vivências.

A RELIGIÃO COMO PRÁTICA CULTURAL E DE IDENTIDADE

A importância da religião no estabelecimento de identidades, tanto pessoais quanto coletivas, é um dos temas de discussão mais importantes dos estudos sobre religiões e religiosidades. Desde os primeiros, de caráter antropológico e sociológico, a problemática das identidades e representações coletivas não deixou de ocupar espaço nos debates. Apesar das inúmeras divergências e rotas diferentes oferecidas pelos vários estudos que se dispuseram a tratar do assunto, parece haver certo consenso de que, em termos sociais, a religião constitui um fator de importância tanto na constituição de identidades quanto de suas representações no espaço público.

Pensando a partir de Hall (1996b) e Grossberg (1997), a definição de uma identidade está relacionada às possibilidades de exercê-la como tal em público, em um processo de conquista muito mais do que outorga, do direito de ser quem se é e como se é. Ao mesmo tempo, a construção de uma identidade está ligada também ao espaço das representações dessa identidade da maneira como ela é socialmente compreendida e situada nas várias hierarquias constituintes do espaço público. Dessa maneira, ser alguém é um ato político.

Essa dimensão se situa desde uma perspectiva biopolítica, pensando nas possibilidades de controle e usos do corpo, até uma questão das políticas de representação midiática de um grupo ou de uma coletividade. A religião como parte das crenças, discursos e práticas de inúmeros sujeitos torna-se, dessa maneira, um foco de atenção para perguntas relativas à formação das identidades, suas representações e possibilidades de (co)existência no espaço público. Parte da identidade cultural, a religião é ponto tanto de consensos e atribuição de sentidos à vida do indivíduo quanto um local de conflitos ligados às questões econômicas, políticas e, muitas vezes, étnicas. Essa complexidade desafia qualquer interpretação redutora, mais ainda quando pensada contra o pano de fundo do chamado *processo de secularização* que, a princípio, caracteriza as sociedades ocidentais – para uma exploração conceitual, os trabalhos de Keane (2000), Martin (1991) e Dobellaere (1981) oferecem um panorama compreensivo do tema que escapa aos propósitos deste texto.

A importância da religião na constituição das identidades na modernidade tardia pode, a princípio, parecer um desafio a diversas perspectivas que apontavam para o declínio contínuo das práticas, instituições e prerrogativas religiosas. Esse ponto de vista, entendido quase sempre sob a rubrica do *processo de secularização*, contava entre seus pressupostos com a ideia de que a racionalidade do mundo moderno poderia excluir a religião do espaço das deliberações e das tomadas de decisão, reservando-a para a esfera pessoal e, portanto, fora dos assuntos públicos. Presa a um mundo *mágico*, passível de

ser *desencantado*, na perspectiva de Weber, entendida como uma percepção da coletividade na visão de Durkheim ou denunciada como prática ideológica responsável pela manutenção de um determinado sistema, na análise de Marx, a religião parecia seguir um caminho inexorável de declínio, com seu possível desaparecimento diante da Modernidade.

Como salientou Pierucci (1997), de fato, o processo de secularização, ao menos no ocidente, manteve e tem mantido seu ritmo, a despeito de um sem-número de momentos nos quais a religião parece intervir em assuntos de caráter público. Desvinculada oficialmente do Estado, bem como das esferas mais amplas da política e da economia, a religião não se sustentou enquanto sistema de práticas tradicionais diante da Modernidade. A presença da religião no espaço público, bem como sua intromissão nos assuntos de interesse coletivo, não se dá enquanto instância “oficial”, tal como ocorreria em uma teocracia.

Em sociedades pluralistas, tais como denomina Habermas (2006), as religiões chegam à esfera política ao lado de inúmeros outros atores, em uma situação concorrencial pela inserção de seus assuntos no debate público com o objetivo de influenciar na tomada de decisões. Por mais intensa que seja sua participação, ela acontece como mais um grupo de pressão, sem nenhuma prerrogativa especial por conta do vínculo alegadamente transcendente que está na raiz de suas práticas. Diversos autores, trabalhando na esteira dessas reflexões, sugerem que a força da religião no espaço público decorre de sua adaptação aos processos políticos da modernidade (Hoover, 1997; Martelli; Capello, 2005; Marsden, 2008; Martino, 2012; 2016a; 2016b).

Isso parece indicar um duplo movimento, integrado em sua complexidade, por um lado, pela perda de um caráter propriamente *oficial* da religião como ator político na modernidade ocidental; por outro lado, pela continuidade e crescimento da religião como aglomerado de doutrinas, discursos e práticas referentes ao modo como indivíduos e coletividades devem atuar no cotidiano. Alijada das instâncias oficiais de decisão por força de um processo de secularização, a religião se mantém como um importante vínculo cultural na formação de grupos e comunidades.

Ao mesmo tempo, vale observar que o chamado *paradigma da secularização* nem sempre leva em conta perspectivas não ocidentais, nas quais as vivências do religioso não deixam de ter relações mais diretas com o Estado do que apenas *grupos de pressão* ou interesse. Em muitos estados nacionais, vale lembrar, a religião é, ou foi até muito recentemente, um fator importante na constituição de uma identidade nacional.

A perspectiva dos Estudos Culturais salienta a complexidade dessa ligação como algo difícil de ser analisado, senão a partir de artifícios metodológi-

cos, de maneira isolada. As práticas culturais, longe de serem compartimentos estanques em relação ao contexto, se relacionam com ele o tempo todo, seja de modo direto ou oblíquo. As práticas religiosas, nesse ponto de vista, podem ser pensadas em termos de práticas culturais de onde derivam questões políticas, sociais e econômicas.

O *viver religioso*, na modernidade tardia, parece acentuar algumas dimensões do *viver político* na medida em que, em sociedades pluralistas, as fronteiras do *religioso* parecem estar igualmente menos definidas em relação a instâncias oficiais contra as quais se insurgiriam personagens e comunidades de dissenso. As definições do religioso, ou, como propõe Sanchez (1999), a introdução da categoria das “religiosidades”, em contraste com a perspectiva mais institucional da “religião”, sugerem igual movimento de distensão do religioso na articulação com outras práticas culturais. Essa percepção talvez fique ainda mais clara quando se pensa nos modos de vivenciar a religião na contemporaneidade, marcadamente em uma sociedade midiaticizada.

MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO E IDENTIDADES CULTURAIS

O processo de midiaticização da sociedade se apresenta como uma complexa trama de fatores sociais, econômicos, políticos, técnicos e tecnológicos que desafia, de início, qualquer perspectiva estritamente midiacêntrica das práticas sociais. Midiaticização é um conceito em elaboração e discussão no âmbito dos estudos de mídia sem ser definido senão em torno de algumas proposições básicas – e mesmo essas ainda colocadas sob escrutínio. A ideia do termo é referida por autores de diversas origens como um movimento de articulação entre processos sociais e o ambiente midiático, no qual suas diferentes lógicas são interseccionadas em uma articulação tensional impossível de ser reduzida a um ou outro de seus componentes¹.

Mais do que a expansão física, numérica ou quantitativa dos dispositivos midiáticos em uma sociedade, a noção de midiaticização busca se referir ao modo como práticas sociais estão ligadas ao ambiente das mídias, com uma transformação de ambas no processo. O conceito de midiaticização não pensa mídia e práticas sociais como compartimentos estanques que sofreriam influências – no sentido de efeitos da mídia sobre os processos sociais – mas como práticas inter-relacionadas e imersas em inúmeros outros códigos semióticos vigentes no espaço social, tais como as lógicas da política, da economia e da cultura.

A identidade se constitui, como recorda Hall (2000), a partir de um complexo sistema de demarcação semiótica, antropológica e psicanalítica de igualdades e diferenças. Essas demarcações, mais do que a indivíduos,

1. Para uma discussão sobre a midiaticização em particular, remete-se a Livingstone (2009a, 2009b), Krotz (2009) e Hjarvard (2008)

sujeitos ou agrupamentos pré-determinados, são elaboradas, sobretudo, como signos, aos quais os significados de igual ou diferente são atribuídos de maneira relativamente arbitrária nos espaços de circulação de um poder discursivo tornado apto para tanto – e móvel. Dessa maneira, a força da representação se mostra com clareza na possibilidade de definir socialmente o modo segundo o qual um determinado sujeito ou grupo pode ou deve ser interpretados em escala macro.

A força da representação consiste na definição em larga escala de uma maneira de compreender o binômio identidade/diferença, permitindo a rápida e superficial definição de um nós em relação a um eles. O nós, neste caso, afirma-se como o igual, o idêntico com o qual os laços são corretos e legítimos, ao passo que o vínculo com o eles é pautado por um misto, nas fronteiras da psicanálise freudiana, de interesse, curiosidade, hostilidade e medo.

A midiatização dos processos sociais não deixa de passar pelo encontro com os processos identitários. Em estudos diversos, Gomes (2004), Fausto Neto (2004), Gasparetto (2011) e Martino (2013) indicam que do processo de midiatização da religião decorrem novas formas de viver o religioso. Definida por Gomes (2010) como “um novo modo de ser no mundo”, a midiatização ganha relevância considerável no estabelecimento de identidades.

A midiatização da religião evidentemente engloba as vivências do religioso em termos de identidade e de diferença, tornadas mais visíveis no ambiente midiático. Se a construção de vínculos de comunidade, em particular nas mídias digitais, permite a elaboração mais ou menos direta de um sentido de vivência comum – uma *comunicação*, no sentido de compartilhamento designado por Williams (2003) –, por outro lado é também um espaço de fácil percepção da diferença, demarcada pelos mesmos processos de divisão institucional presentes nas instâncias não midiatizadas do campo religioso.

No caso da religião, não seria errado dizer que o processo de midiatização está relacionado a essas *novas formas de vivência do religioso*, articuladas com um ambiente midiático sem, no entanto, perder algumas de suas características fundamentais. Um dos atributos do processo de midiatização da sociedade, em termos institucionais, é essa articulação sem sobreposição: a midiatização da religião não parece significar a completa alteração das lógicas da religião por conta da lógica da mídia; uma relação causal, aliás, seria de difícil demonstração teórica ou empírica. Trata-se, antes, de um complexo processo de negociação de sentidos, nos quais as duas lógicas alternam, sem solução de continuidade, cooperação e conflito, ora trabalhando de maneira mais próxima, ora intercalando resistências – responsáveis, essas últimas, pela manutenção da especificidade dos processos sociais frente aos processos mi-

diáticos. Sem isso, não se trataria de uma articulação, mas do engolfamento das práticas sociais no ambiente midiático, o que não parece ser o caso.

As vivências de uma religião midiaticizada articulam-se diretamente com os processos culturais nos quais isso acontece. Em suas diversas modalidades, a midiaticização da religião define novos modos da experiência do religioso e, por consequência, da formação de identidades a ela vinculadas. A bibliografia recente sobre mídia e religião contempla diversas modalidades dessa formação identitária religiosa ambientada nos espaços midiáticos, remontando, aliás, uma prática já efetuada há décadas (Bruce, 1990).

Enquanto Campos (1997) sugere um componente de performance nas práticas de denominações religiosas altamente midiaticizadas – o conceito de “alta midiaticização” e “baixa midiaticização” são explorados em Martino (2013) – Dias (2001) mostra como os “códigos culturais” (Fiske, 1988) de programas de auditório transmitidos por emissoras de TV aberta são utilizados em programas religiosos, de maneira a configurar uma mensagem de acordo com referenciais já presentes no público. Borelli (2010) mostra como uma prática religiosa tradicional, a romaria, ganha novas roupagens por conta de sua vinculação com a lógica midiática em diálogo com os rituais tradicionais. Por seu turno, Carranza (2011), em estudo exaustivo, interpreta a midiaticização da Igreja Católica no Brasil como um processo de ressignificação das práticas religiosas no universo dos fiéis – algo apontado, igualmente, por Patriota (2008).

Ao mesmo tempo, pode-se observar que esse processo não *transforma* ou *gera efeitos* sobre a religião no sentido de desconfigurá-la, mas, antes, na perspectiva de se encontrarem novos lugares para suas práticas – e isso implica, como contraponto da identidade, as perspectivas da diferença.

Na religião midiaticizada, o ambiente midiático não deixa também de ser um espaço de conflito. Intolerância, desrespeito mútuo, discursos e atividades hostis em relação a um outro que se revela a partir da identidade religiosa são indícios de uma clausura da diferença presente na relação com a alteridade. As vivências do religioso midiaticizado tornam esse espaço igualmente o *locus* para conflitos e disputas, tanto nas mídias *de massa* quanto nas mídias digitais.

As relações de identidade e diferença, nesse particular, parecem se ramificar em inúmeras dimensões dentro do espaço religioso midiaticizado, seja para enfatizar os vínculos de grupo, seja para, a partir daí, ressaltar a disparidade como algo potencialmente fechado para qualquer diálogo – nesse cenário específico, observa-se que, na melhor das hipóteses, o outro é visto como alguém a ser corrigido; na pior, como uma alteridade a ser transformada ou neutralizada em termos discursivos. Esse fechamento para a diferença não deixa de ser sintomático do potencial de afirmação de identidades presentes, e sempre reforçado, no âm-

bito da midiática da religião. É nesse movimento complexo e contraditório que se observam tensões entre dominação e resistência, dois fatores presentes no espectro da religião midiaticizada. Como exemplo, pode-se tomar a sintomática presença dos discursos e práticas endereçados ao feminino.

IDENTIDADE E PODER NA RELIGIÃO MUDIATIZADA: O ASPECTO DO CORPO

A construção de identidades culturais no âmbito da midiática da religião não escapa das contradições inerentes a esse processo como um todo. Suas contradições, seus movimentos de resistência a discursos dominantes, as articulações de sentido nas quais referências das mais diversas se reúnem em diferentes proporções, graus de importância e interesse de acordo com inúmeras variáveis. Nesse processo é possível encontrar algumas das contradições entre dominação e resistência presentes dentro do âmbito religioso apontadas por Hall (1996a: 147) ao indicar essa dupla e contraditória perspectiva.

O discurso tecido pelas religiões midiaticizadas, nesse sentido, tende a se pautar pela demarcação simbólica dos laços de pertencimento, objetivados tanto nos proferimentos quanto nas práticas culturais e nos relacionamentos pessoais. A linguagem, os modos de vestir, as formas reconhecidas de relacionamento e mesmo o gosto musical estão entre esses demarcadores, que ganham em amplitude de representação – e, portanto, de reconhecimento público – no processo de midiática da religião. No caso da oposição masculino/feminino, esse processo parece se expressar com particular clareza na definição das falas, atitudes e práticas legítimas – o que não as impede de encerrarem, em si, contradições e tensionamentos internos e externos.

No âmbito da religião midiaticizada, os demarcadores sógnicos de identidade e diferença constantes de uma oposição *masculino/feminino* são deslocados parcialmente de maneira a se adaptarem concomitantemente a uma lógica religiosa, que genealogicamente privilegia o controle, e uma lógica midiática responsável por favorecer a exposição e a estética.

A denúncia da religião como um instrumento privilegiado de dominação de classe é um tema bastante debatido em uma tradição marxista com a qual Hall (1973; 1974) está em diálogo com seus estudos sobre ideologia. No entanto, a crítica à religião presente ainda no que poderia ser chamado de *o jovem Marx* – a “Crítica da Filosofia do Direito”, onde está a célebre denominação da religião como “ópio do povo”, é de 1844, mesmo ano dos “Manuscritos Econômico-Filosóficos”. Como salienta Löwy (2007), em boa medida o que se entende por *religião* atualmente conserva vários dos elementos presentes no

momento da crítica de Marx, o que justificaria pensar a religião ainda como uma forma de ideologia atrelada, especialmente, aos interesses das classes dominantes. No entanto, como igualmente destaca o filósofo, é necessário observar que, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, a religião vem se apresentando também como um espaço de resistência, de construção de identidades heterocráticas e dissonantes que encontrarão no discurso e nas práticas religiosas maneiras de se insurgir contra a hegemonia.

Hall oferece pistas para a observação de que as formas da hegemonia são acompanhadas de espaços de resistência, reapropriados e transladados em um novo idioma. Hall (1997: 41), a partir da leitura de Gramsci, sugere que se pense as “sutis variações” que a ideologia tem em suas diversas maneiras de elaboração e apropriação – o que não exclui, pela própria natureza polissêmica da linguagem, apoderamentos contra-hegemônicos.

Dessa maneira, longe de uma perspectiva monolítica de dominação, a religião se constitui como um espaço de negociação assimétrica de sentidos, nos quais instâncias de manutenção de um certo *status quo* e formas de transformação dessa ordem caminham lado a lado, às vezes no mesmo discurso.

O processo de midiatização da religião confere maior visibilidade a essa questão, sobretudo quando diz respeito aos momentos de formação e representação da identidade. Vale a pena, nesse sentido, observar algumas situações presentes e que se tornam particularmente visíveis. É possível dizer que a midiatização da religião trouxe, ao mesmo tempo, possibilidades de reforço de autonomia e sujeição do corpo, em especial do feminino, dentro e fora dos espaços simbólicos religiosos (Arthur, 1999; Martino, 2008).

Turner (2004) argumenta que uma das prerrogativas constantes da religião tem sido o controle dos usos do corpo – em particular, do corpo feminino. Visto às vezes, e conforme algumas denominações religiosas, como fonte de desvio para uma conduta reconhecida como legítima, o corpo torna-se paradoxalmente, elemento de repressão a partir de seu realce constante: sua visibilidade em termos discursivos tem como objetivo ressaltar que ele não pode ser visto, entendido e pensado como algo fora desse discurso. Como relembra Curti (1998), as narrativas do corpo feminino são englobadas na consideração prescritiva e descritiva a respeito de uma identidade feminina definida de antemão – por um universo narrativo masculino.

Essa estética, vinculada às práticas midiáticas da moda, aos códigos semióticos de vestimenta vigentes no espaço laico, muitas vezes é um motivo de confronto com os códigos religiosos de ocultamento do corpo. Babb (1997), Hoover (2003) e Clark (2007) dedicam-se a mostrar a identidade religiosa como fruto da intersecção entre os discursos midiáticos e doutrinários propriamente ditos.

Seria temerário, de imediato, ver em qualquer um desses discursos e práticas apenas elementos de *dominação* ou de *resistência* destituídos de seu potencial contraditório. Ao mesmo tempo, a observação empírica sugere uma multiplicidade de apropriações, por parte das fiéis e das sacerdotas, dos discursos e práticas religiosas que ultrapassa qualquer generalização – veja-se Dantas (2008). Como recorda Hall (1997: 468), a hegemonia cultural não significa “domínio completo”, mas alterações constantes nos jogos de poder nas relações de cultura. Há uma mobilidade constante entre avanços e recuos de um discurso religioso midiaticizado, em uma permanente flutuação de sentido – que, de fato, só se completa no âmbito de sua apropriação articulada pela fiel nas suas práticas cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração detalhada das problemáticas referentes às relações entre a midiaticização da religião e os Estudos Culturais certamente demandaria mais de um trabalho monográfico. Procurou-se, aqui, apenas trabalhar alguns aspectos da questão tomando como recorte as perspectivas e possibilidades relacionadas à construção das identidades no ambiente religioso midiaticizado em um recorte que privilegiou três das inúmeras possibilidades de apropriação.

Enquanto prática cultural, a religião não desapareceu do mundo moderno. O processo de secularização, em suas confluências e divergências, certamente parece ter afastado a religião da ordem oficial da política e da economia. No entanto, vinculada a uma produção específica de discurso, ela permanece e se afirma como um ponto de ação política na afirmação de identidades – e da defesa dos interesses dessas. Em particular, o processo de midiaticização da religião contribui para esse momento ao consignar um novo espaço de práticas individuais e coletivas, bem como de representações públicas, das religiosidades.

Nesse particular, o processo de midiaticização da religião parece intervir diretamente nos processos identitários de vinculação religiosa, seja no estabelecimento de espaços particulares de renovação das práticas religiosas nos ambientes midiáticos, seja na consolidação de discursos confrontantes e contraditórios no mesmo espaço – e, para ilustrar esse último aspecto, tratou-se brevemente, como exemplo, das contradições de poder do feminino no espaço religioso em midiaticização.

Mais do que respostas ou fechamentos, foram buscadas aqui trilhas para abrir a discussão em um momento em que os discursos e práticas religiosas, interseccionadas com os espaços da cultura, da economia e, sobretudo, da política, se mostram importantes na compreensão dos processos sociais contemporâneos – ao menos nos espaços aonde se espera uma perspectiva de diálogo. ■

REFERÊNCIAS

- ARTHUR, L. *Religion, dress and the body*. Oxford: Berg Publishers, 1999.
- BABB, L. Introduction. In: _____. (Org.) *Media and the transformation of religion in South Asia*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1997. p. 1-16.
- BORELLI, V. Dispositivos midiáticos e as novas formas do religioso. In: _____. *Mídia e religião*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2010. p. 15-30.
- BRUCE, S. *Pray TV: televangelism in America*. Londres: Routledge, 1990.
- CAMPOS, L. S. *Teatro, templo e mercado*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARRANZA, B. *Catolicismo midiático*. Aparecida: Ideias & Letras, 2011.
- CLARK, L. S. *Religion, media and the marketplace*. Nova Brunswick: Rutgers University Press, 2007.
- CURTI, L. *Female stories, female bodies*. Londres: Palgrave, 1998.
- DANTAS, J. G. O comportamento dos telespectadores diante da programação televisiva neopentecostal. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 16, mai-ago 2008.
- DIAS, A. P. *Domingão do cristão*. São Paulo: Salesiana, 2001.
- DOBELLAERE, K. Secularization: a multi-dimensional concept. *Current Sociology*, v. 29, n. 2, p. 1-108, 1981. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/001139218102900203>
- FAUSTO NETO, A. A Igreja Doméstica: estratégias televisivas de construção de novas religiosidades. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 2, n. 7, 2004.
- FISKE, J. *Television culture*. Nova York: Routledge, 1988.
- GASPARETTO, P. R. *Midiatização da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2011
- GOMES, P. G. Processos midiáticos e construção de novas religiosidades. *Cadernos IHU*, São Leopoldo, ano 2, n. 8, 2004.
- GOMES, P. G. *Da Igreja Eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- GROSSBERG, L. On postmodernism and articulation: an interview with Stuart Hall. In: MORLEY, D.; CHEN, K-H. *Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1997. p. 131-140.
- HABERMAS, J. Religion in the public sphere. *European Journal of Philosophy*, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2006.
- HALL, S. A “reading” of Marx’s 1857 introduction to the Grundrisse. Birmingham: Centre for Contemporary Cultural Studies, 1973.
- HALL, S. The “structured communication” of events. In: CCCS (Org.). *On ideology*. Birmingham: CCCS, 1974.
- HALL, S. Encoding/Decoding. In: HALL, S. et al. *Culture, media, language*. Londres: Routledge/Centre for Contemporary Cultural Studies, 1980. p. 128-138.

- HALL, S. The problem of ideology: marxism without guarantees. In: MORLEY, D.; CHEN, K-H. *Stuart Hall: critical dialogues in Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1996a. p. 25-46.
- HALL, S. Who needs “identity”? In: HALL, S.; DuGAY, P. *Questions of Cultural Identity*. Londres: Sage, 1996b. p. 1-17.
- HALL, S. What is “black” in popular culture? In: MORLEY, D.; CHEN, K-H. *Stuart Hall: Critical dialogues in Cultural Studies*. Londres: Routledge, 1997. p. 465-475.
- HALL, S. The spectacle of the “other”. In: HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. Londres: Sage, 2000. p. 225-279.
- HJARVARD, S. The mediatization of religion. A theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights*, n. 6, p. 9-27, 2008. doi: https://doi.org/10.1386/nl.6.1.9_1
- HOOVER, S. Media and the construction of the Religious Public Sphere. In: HOOVER, S.; LUNDBY, K. *Rethinking media, religion, and culture*. Londres: Sage, 1997.
- HOOVER, S. Religion, media and identity. In: MITCHELL, J.; MARRIAGE, S. *Mediating religion*. Londres: Continuum, 2003. p. 9-20.
- KEANE, J. Secularism? In: MARQUAND, D.; NETTLERS, R. *Religion and democracy*. Londres: Blackwell, 2000. p. 5-19
- KROTZ, F. Mediatization: a concept with which to grasp media and societal change. In: LUNDBY, K. *Mediatization*. Nova York: Peter Lang, 2009. p. 19-38
- LIVINSTONE, S. On the mediation of everything. *Journal of Communication*. n. 59, p. 1-18, 2009a. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1460-2466.2008.01401.x>
- LIVINGSTONE, S. Coming to terms with “mediatization”. In: LUNDBY, K. *Mediatization*. New York: Peter Lang, 2009b. p. IX-XI.
- LÖWY, M. Marxismo e religião: ópio do povo? In: BORON, A. et al. *A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas*. 2007. Disponível em <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt/cap.11.doc>>. Acesso em: 20 out. 2016.
- MARSDEN, L. *For God's sake: the Christian Right and US foreign policy*. Londres: Zed Press, 2008.
- MARTELLI, S.; CAPELLO, G. Religion in the Television-mediated Public Sphere. *International Review of Sociology*, v. 15, n. 2, p. 243-257, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/03906700500159573>
- MARTIN, D. The Secularization Issue: prospect and retrospect. *The British Journal of Sociology*, v. 42, n. 3, p. 465-474, Sept. 1991.



Midiatização da religião e Estudos Culturais: uma leitura de Stuart Hall

- MARTINO, L.M. Controlled Media: communication and body control in Brazilian religion. *Working Papers in Media, Politics and Culture*. 1/2008 Norwich, University of East Anglia, 2008.
- MARTINO, L. M. Mediação e Midiatização da Religião em suas articulações teóricas e práticas. In: MATTOS, M. H.; JACKS, N. *Mediação e midiatização*. Livro do XXI Compós. Salvador: EdUFBA, 2012. p. 219-244.
- MARTINO, L. M. *The mediatization of religion*. 2a. Edição. Londres: Routledge, 2016a.
- MARTINO, L. M. S. *Mídia, religião e sociedade*. São Paulo: Paulus, 2016b.
- MIZRUCHI, S. *Religion and Cultural Studies*. Princeton: PUP, 2001.
- PATRIOTA, K. Mídia e Entretenimento: Em Busca da Religiosa Audiência. *REVER* v. 1, p. 69-88, 2008.
- PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 49, p. 99-119, 1997.
- SANCHEZ, W. L. Modernidade, pluralismo e reinvenção religiosa. Da possibilidade de pensar o pluralismo religioso a partir de Weber. *Revista da Apg Religião e Religiosidade*, São Paulo, v. 19, p. 61-76, 1999.
- TURNER, B. *The Body and Society*. Londres: Sage, 2004.
- WILLIAMS, R. *Keywords*. Londres: Fontana, 2003.

Artigo recebido em 05 de março de 2015 e aprovado em 18 de agosto de 2016.